

O DEUS QUE DÁ VIDA

A polêmica teológica em 1 Reis 17.8-24

*Tiago Abdalla T. Neto**

O texto da presente análise, provavelmente, fizera parte, em seu estado inicial, de uma coleção de narrativas acerca do profeta Elias, compilada por um grupo de profetas como aqueles descritos nas próprias perícopes do livro de Reis (cf. 2 Rs 2.1-18; 4.38-41; 6.1-7).¹ Há toda uma discussão acerca de quais narrativas da história do profeta faziam parte da compilação original e quais circularam de forma avulsa, até serem adicionadas posteriormente.² O fato importante é que há extensa comprovação bíblica do envolvimento do movimento profético com o registro da história de Israel (cf. 1 Cr 29.29; 2 Cr 9.29; 12.15; 13.22; 26.22)³ e que este “reuniu duas coisas: um interesse pela história e a crença de que o fracasso em viver à altura dos princípios teológicos acordados no Pentateuco conduziu à catástrofe nacional”.⁴

Assim, não há qualquer fundamento para considerar o texto da narrativa de 1 Reis 17.8-24 como um conto lendário popular ou uma estrutura literária mítica,⁵ a não ser mediante o preconceito iluminista e “cientificista”, desde que o escritor do livro busca contar a história com precisão e sem comprometer a realidade dos fatos.⁶ Como Brevard S. Childs afirmou: “A maneira como o leitor é constantemente informado sobre as fontes usadas pelo escritor indica que ele não planejava que sua composição

¹ HARRISON, Roland K. *Introduction to the Old Testament*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 2004. p. 726-729; PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. “1 and 2 Kings”. In: GAEBELEIN, Frank E (ed.). *The expositor's Bible commentary*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992. v. 4. p. 4; VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 516; GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 248.

² Veja a questão, de forma detalhada, em JONES, Gwilym H. *1 and 2 Kings*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984. v. 1. p. 64-68. Sua perspectiva histórico-crítica o leva a conclusões desnecessárias, como o fato de que a narrativa de 1 Reis 17.7ss não estivera relacionada originalmente a Elias. Campbell e O'Brien, também, oferecem uma discussão, mais resumida, sobre o processo de compilação: CAMPBELL, Anthony F., O'BRIEN, Mark A. *Unfolding the deuteronomistic history: origins, upgrades, present text*. Minneapolis, MN: FORTRESS, 2000. p. 392.

³ SCHULTZ, S. J. “Kings, books of”. In: TENNEY, Merrill C (ed.). *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976. v. 3. p. 812.

⁴ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005. p. 318.

⁵ Norman Gottwald e Osvaldo L. Ribeiro são exemplos nítidos da esquizofrenia da crítica bíblica. Enquanto a primeira autora afirma que as narrativas de Elias e Eliseu eram histórias religiosas populares, confeccionadas pelas camadas mais pobres da sociedade como um manifesto contra o poder real institucionalizado, o segundo defende que a narrativa de Elias em 1 Reis 17 era uma obra literária produzida por círculos sacerdotais, com a finalidade de manipular e explorar a população camponesa. Cf. GOTTWALD, Norman K. *Op. cit.* p. 248, 257 e RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “A lembrança de minhas faltas... : reflexões sobre a estrutura mítico-literária de 1 Reis 17” In: *Revista Brasileira de Teologia*, no. 2, 2005, p. 69-78.

⁶ HOUSE, Paul R. *Op. cit.* p. 317.

contradissesse suas fontes. Não estava procurando reescrever a história nem fornecer informação até então desconhecida”.⁷

O aparecimento de Elias e o começo da história de seu ministério se encontram envoltos num contexto histórico, sócio-religioso e literário maior que auxilia na compreensão do texto e sua teologia. A narrativa de 1 Reis 17 está estruturada dentro de uma lógica linear, juntamente com os capítulos 18 e 19, cujo foco é mostrar a luta pelo estabelecimento da adoração de Yahweh contras as forças de Baal.⁸ Diante disso, este estudo abordará os aspectos contextuais e textuais relacionados à narrativa de Elias e a viúva de Sarepta, a fim de compreender a teologia subjacente do texto.

1.1. O contexto histórico e sócio-religioso de Israel

O final do capítulo 16 de Reis relata o início da dinastia de Omri, após quatro anos de guerra civil entre o grupo que o apoiava e a outra “metade” de Israel que se aliara a Tibni, filho de Ginate (16.21). Omri, provavelmente, contando com o apoio do exército obteve vitória sobre a facção de Tibni (16.22).⁹ Ele governou Israel por doze anos (885-874 a.C.) e estabeleceu Samaria como a nova capital do reino, onde viveu nos últimos seis anos de seu governo (16.23-24).¹⁰ Estabeleceu ainda várias alianças militares e comerciais internacionais com Judá, Damasco e Fenícia,¹¹ além de conquistar o território de Moabe.¹²

Da aliança com a Fenícia, surgiu o casamento de Acabe, seu filho, com Jezabel, filha do rei de Tiro, Etbaal (c.a. 878 a.C. - Cf. 1Rs 16.31).¹³ Com as sementes da idolatria perversa lançadas pelo pai (16.25-26), Acabe (874-853 a.C.) deu continuidade à infidelidade pactual da nação a Yahweh e promoveu o baalismo, influenciado por sua esposa fenícia, de forma aberta e descarada, mediante a construção

⁷ CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress, 1979. p. 289. Jones afirma sobre as narrativas de Elias e Eliseu que “em contraste com a atitude cética anterior quanto ao seu valor histórico ... há no presente uma tendência de aceitar que as narrativas contêm uma tradição essencialmente confiável” (Ver JONES, Gwilym H. *Op cit.* v. 1. p. 302).

⁸ COHN, Robert L. “The literary logic of 1 Kings 17-19”. In: *Journal of Biblical Literature*, v. 101, no. 3, 1982. p. 333-334.

⁹ BATTENFIELD, James R. “YHWH’s Refutation of the Baal Myth through the actions of Elijah and Elisha”. In: GILEADI, Avraham (ed.). *Israel’s apostasy and restoration: essays in honor of Roland K. Harrison*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1988. p. 20; GOTTWALD, Norman K. *Op. cit.* p. 251-252.

¹⁰ CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Kings*. [s.l.]: 2007. Disponível em <http://www.soniclight.com>. Acessado em Junho de 2008. p. 55.

¹¹ GOTTWALD, Norman K. *Op. cit.* p. 252.

¹² JONES, Gwilym H. *Op cit.* v. 1. p. 269.

¹³ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 20.

do templo a Baal em Samaria e um poste sagrado a Aserá (16.31-33).¹⁴ A influência política, cultural e religiosa de Acabe e sua esposa Jezabel por mais de vinte anos foi tamanha que provocou uma resposta forte contemplada nas narrativas de Elias.¹⁵

A religião cananéia de Baal baseava-se no princípio que os deuses eram personificações de forças e objetos da natureza.¹⁶ Os mitos cananeus, assim, são frutos da observação das flutuações das estações anuais e da tentativa de explicá-las, levantando o véu e explorando as causas escondidas que movimentavam a natureza externa.¹⁷ *Baal*, o “senhor”, deus da tempestade, representado por um touro, fora inserido no final do terceiro milênio em Canaã, com a migração dos amorreus para a região. A tendência foi a ascendência de *Baal*, por ser o deus da tempestade e o desaparecimento de *El* dentro da adoração cananita.

Consequentemente, criou-se o mito de *Baal*, em que se retrata a luta de *Baal* contra *El*, sua vitória sobre este e a tomada de sua esposa *Astarte* (ou *Aserá*). Ajudado por sua irmã *Anate*, a deusa da Guerra, *Baal* vence os deuses do mar caótico, *Yammu*, e da morte, *Motu*.¹⁸ A partir de então, ele mantém a ordem no mundo, defendendo seu povo e trazendo a fertilidade e prosperidade agrícola.¹⁹

A perversidade da religião dava-se na reencenação do mito, especialmente na relação sexual entre *Baal* e *Astarte*, pois, acreditava-se que a fertilidade da terra dependia do sêmen derramado por *Baal* durante tal coabitação. Consequentemente, havia os prostitutas e prostitutas cultuais que realizavam os papéis principais no drama.²⁰ Tal prostituição era claramente proibida na lei hebraica (e.g. Dt 23.17-18).

Opondo-se a este contexto religioso perverso propagado por Acabe e sua família, “os que procuram servir a Yahweh têm de combater a ideia cada vez mais disseminada entre o povo de que já não dá mais para pôr a fé mosaica [de] Israel em prática”.²¹

¹⁴ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 558. Ver nota em 14.15.

¹⁵ KEIL, C. F. *The Book of the Kings*. Edinburgh: T&T Clark, 1872. p. 229.

¹⁶ PINTO, Carlos Osvaldo. *História do Oriente Médio Antigo*. Atibaia: Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV), 2005. (Material não publicado – Apostila do curso de Mestrado em Teologia). p. 38; MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 163.

¹⁷ JACOBS, Vivian R., JACOBS, Isaac R. “The myth of Môt and ’Al’eyan and Ba’al”. *In: Harvard Theological Review*, v. XXXVIII, no. 2, April, 1945. p. 77.

¹⁸ MERRIL, Eugene H. *Op. cit.* p. 164.

¹⁹ CHISHOLM, Robert B., Jr. “Yahweh versus the canaanite gods: polemic in judges and 1 Samuel 1-7”. *In: Bibliotheca Sacra*, v. 164, no. 654, April-June, 2007. p. 169.

²⁰ MERRIL, Eugene H. *Op. cit.* p. 164; PINTO, Carlos Osvaldo. *Op. cit.* p. 38.

²¹ HOUSE, Paul R. *Op. cit.* p. 329.

O sumário do reino de Acabe (16.29-33), portanto, serve de prólogo para a história de Elias, identificando seu patrocínio à religião baalista como o problema contra o qual o profeta lutará.²² A enfática descrição de seu terrível pecado origina a resposta do profeta: “[Acabe] cometeu mais abominações para irritar a *YHWH, Deus de Israel*, do que todos os reis de Israel que foram antes dele” (16.33). A entrada abrupta de Elias e sua declaração de que o mesmo *YHWH, Deus de Israel* decretou a seca (17.1), ligam o reino e apostasia de Acabe com a moldura das narrativas proféticas a seguir.²³

A Fenícia estava, uma vez mais, exercendo sua influência sobre os negócios israelitas e o profeta é apresentado como um oponente do sincretismo religiosos que acomodou o Baal de Tiro... O nome do profeta Elias (‘Yahweh é Deus’) sumariza a sua missão, a qual era mostrar que ‘o SENHOR, ele é Deus’ (1 Rs 18.39).²⁴

1.2. A apresentação e narrativa inicial do ministério de Elias (1 Reis 17.1-7)

A apresentação do profeta Elias se dá de forma brusca e, até mesmo, enigmática.²⁵ Não há nenhuma menção de sua genealogia²⁶ nem há qualquer fórmula introdutória profética como “Assim diz o SENHOR”.²⁷ É apresentado como natural da cidade de Tisbe, talvez do território de Naftali, mas morador (*mittōšābê*) da região de Gileade (17.1).²⁸ Quiçá sua introdução no palácio de Acabe fosse a de um profeta desconhecido.²⁹

A palavra de Elias é direta e clara, como um servo representante de Yahweh (*’āšer ‘āmadtî*),³⁰ o Grande Rei de Israel, o Deus Vivo (*ḥay yhwḥ ’ēlōhê*), ele conjura que não cairá chuva ou orvalho nos anos que viessem, a não ser mediante a sua palavra (17.1).³¹ Há em tal pronunciamento profético tanto uma declaração de que Deus julgaria seu povo pela infidelidade conforme previra na aliança com Israel (Dt 11.16-17;

²² COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 335.

²³ *Id. Ibid.* CONSTABLE, Thomas L. *Op. cit.* p. 57.

²⁴ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 302.

²⁵ PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006. p. 323.

²⁶ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 301.

²⁷ KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 234.

²⁸ Ver nota em PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 138. Cf. KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 234-235.

²⁹ PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 138

³⁰ A expressão indicava aquele que ficava diante do rei como seu servo (VANNOY, J. Robert. “1 e 2 Reis”. In: BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003. p. 564). Cf. BROWN, F., DRIVER, S., BRIGGS, C. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Peabody: Hendrickson, 2008. p. 763-764.

³¹ A expressão *ḥay yhwḥ ’ēlōhê* expressava uma fórmula de juramento. Ver BROWN, F., DRIVER, S., BRIGGS, C. *The Op. cit.* p. 811.

28.23-24; cf. Lv 26.19),³² mas também, uma polêmica contra Baal, o deus da chuva cananeu, que é incapaz de impedir a seca.³³

Na mitologia ugarítica, a seca estava relacionada à derrota de Baal perante *Mot*, o deus da chuva. A morte de Baal trazia aridez e esterilidade à terra, como ilustra o seguinte texto de sua entrada nas entranhas de *Mot*:

Baal entrará em seu interior,
Sim, desceu para dentro de sua boca,
Como uma única azeitona,
O produto da terra,
E o fruto das árvores,
Ferido de medo estava o Todo-Poderoso, Baal,
Cheio de temor, o que Cavalga sobre as nuvens³⁴

O anúncio da falta de chuva da parte de Yahweh e a concretização de tal mensagem, cujo início se dá já em 1 Reis 17.7 (cf. 18.1ss), desafia a crença mitológica cananita que atribuía a Baal a estação e o derramamento da chuva sobre a terra, depois de derrotar *Mot* e ressurgir com a ajuda de sua irmã *Anate*.³⁵ O tema do derramamento de chuva estava ligado à história de Baal obtendo uma casa para si mesmo e derramando chuva sobre os habitantes de Ugarite, da janela da casa em que vivia:

Para a terra Baal fez chover
E para os campos o Todo-Poderoso, o Amável³⁶

Deixe uma janela ser aberta na casa,
Uma abertura no meio do palácio,
E deixe uma fenda ser aberta na nuvem³⁷

Assim, não apenas o poder de Baal é posto em cheque, como sua própria existência, desde que permanece morto no mundo inferior incapaz de trazer chuva à terra. Apenas Yahweh é o Deus Vivo (*ḥay yhwḥ ʾēlōhê*) que pode fazer chover ou reter a chuva.³⁸

O texto não descreve a reação imediata de Acabe, mas mostra que Yahweh é capaz de proteger o seu servo da perseguição do rei (17.2-3, *w^enistartā* - “esconde-

³² CONSTABLE, Thomas L. *Op. cit.* p. 58.

³³ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 564.

³⁴ Citado em BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 20.

³⁵ CONSTABLE, Thomas L. *Op. cit.* p. 58; BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 20-22.

³⁶ Citado em BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 21.

³⁷ Citado em BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 21.

³⁸ HEATER, Homer, Jr. “Uma Teologia de Samuel e Reis”. In: ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 153.

te”;

cf. 1 Rs 18.10ss),³⁹ conduzindo-o a leste do Jordão, junto ao riacho de Querite, um local desconhecido, mas, certamente, fora da jurisdição de Acabe (17.2-3).⁴⁰ Ali, próximo ao riacho de Querite, Yahweh sustenta Elias mediante as águas do riacho e com pão e carne por meio de corvos (*hā'ōr^ebîm*)⁴¹, que obedecem às suas ordens de maneira miraculosa (17.4-6; cf. *w^eet^e hā'ōr^ebîm šiwwîti l^ekalkelkā* - v. 4). O uso de corvos para a alimentação de Elias é curioso e ressalta o poder de Yahweh, desde que não é natural dos corvos sequer alimentarem seus filhotes (cf. Jó 38.41).⁴² Ao mesmo tempo, corvos não deixariam rastros, impedindo, assim, Acabe de encontrar o profeta.⁴³

O representante de Yahweh, diferentemente da liderança política nacional, obedece às suas ordens (17.5), exercita a fé, experimentando a provisão divina junto ao riacho de Querite, até que as águas do ribeiro secam e a nova provisão, proteção e orientação são dadas pelo Deus de Israel ao seu profeta (17.7-8).⁴⁴

1.3. Elias e a viúva de Sarepta: análise exegética e teológica de 1 Reis 17.8-24

Após as águas de Querite secarem, devido à falta da chuva do outono,⁴⁵ como cumprimento da palavra profética de Elias em nome de Yahweh (17.1, 7), a mesma expressão do verso dois aparece no versículo oito: *way^ehî d^ebar yhw^h 'ēlāyw lē'mōr* (“E veio a palavra de YHWH a ele, dizendo”).⁴⁶ O que o texto realça é a Palavra de Yahweh como orientadora de Seu profeta e o próprio Deus como aquele que cuida de Seu servo e provê as suas necessidades em meio a situações de crise.⁴⁷ Primeiramente, supriu o alimento e a água de que Elias precisava por meio do Querite e dos corvos. Agora, um novo agente entra em cena.

Uma vez mais, Deus diz a Elias que caminhe (17.9 - *lēk*; cf. 17.3) e o envia para Sarepta (*šarpatā*; acádico - *šarpitu*), uma cidade litorânea localizada entre Tiro e Sidom (Ver Apêndice 3), na região de origem de Jezabel, esposa de Acabe, e governada por seu pai, Etbaal (cf. 16.31). Tal localidade representava o berço e a fortaleza da

³⁹ COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 335; KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 234.

⁴⁰ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 304.

⁴¹ BROWN, F., DRIVER, S., BRIGGS, C. *The Op. cit.* p. 788.

⁴² CONSTABLE, Thomas L. *Op. cit.* p. 58.

⁴³ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 21.

⁴⁴ PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 138; KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 237.

⁴⁵ PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 139.

⁴⁶ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 305.

⁴⁷ CAMPBELL, Anthony F., O'BRIEN, Mark A. *Op. cit.* p. 392; BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 22.

religião de Baal.⁴⁸ Elias deveria permanecer neste local, pois Yahweh havia ordenado a uma viúva para que o alimentasse. Outro paralelo destaca-se na passagem: o mesmo verbo que é usado para descrever a ordem de Deus aos corvos, é usado para a ordem de Deus à viúva (*šiwwîti* – 1 Rs 17.4, 9) e a mesma tarefa é conferida aos dois, “te sustentem” (v. 4 - *l^ekalkelk^a*) e “te sustente” (v. 9 - *l^ekalk^elek^a*).⁴⁹ “Este Deus do universo dignou-se em satisfazer as necessidades mais simples do profeta. Elias foi sustentado em Querite e em Sarepta”.⁵⁰

Em obediência à ordem de Yahweh, Elias vai (17.10 - *wayyēlek*; cf. 17.5) até Sarepta e lá encontra uma viúva, colhendo gravetos como combustível para cozinhar sua comida, a quem pede um pouco de água (*m^eat⁻mayim*) e ela, imediatamente, atende ao pedido do profeta. Todavia, Elias solicita-lhe um pedaço de pão (17.11 - *lehem*), algo que os corvos foram capazes de lhe prover (17.6), mas descobre que, assim como a maioria das viúvas em Israel e no Oriente Antigo,⁵¹ a sua situação era miserável a ponto quase da morte (17.12).

O duplo pedido do profeta nos vv. 10b, 11 serve para enfatizar a situação desesperadora, de modo a preparar o caminho para o milagre. Ele pedia um pouco de água num momento de seca severa e um pedaço de pão de uma viúva que estava lutando para alimentar a si mesma e seu filho.⁵²

Enquanto Elias pede um pedaço de pão, a mulher responde que não possuía nem sequer um pedaço de bolo assado (*mā^côg*),⁵³ talvez, algo que poderia fazer com a farinha e o azeite que tinha (cf. 17.13).⁵⁴ Embora a farinha estivesse guardada em um jarro de barro, razoavelmente grande,⁵⁵ era apenas um “punhado” (*kaḥ*) e o azeite era “pouco” (*m^eat*) (17.12).

O profeta, então, chama a mulher a não ter medo (*’al tîr^e’i* – 17.13) da situação, mas convida-a a confiar na palavra do servo de Yahweh de que “A farinha da

⁴⁸ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 564-565; CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Kings*. p. 59.

⁴⁹ COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 335; BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 21-22.

⁵⁰ HEATER, Homer, Jr. *Op. cit.* p. 153.

⁵¹ Ver os estudos de VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 63 e PATTERSON, Richard D. “The widow, the orphan, and the poor in the Old Testament and extra-biblical literature”. In: *Bibliotheca Sacra*, v. 130, n. 519, July-August 1973, p. 223-234.

⁵² JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 306.

⁵³ GESENIUS, J. W. *Hebrew and English lexicon of the Old Testament including the biblical Chaldee*. [s.l.]: Andover, 1824. p. 377. Cf. os verbetes 5692 e 5746 em BROWN, F., DRIVER, S., BRIGGS, C. *The Op. cit.* p. 728.

⁵⁴ Ver a nota em PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 140.

⁵⁵ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 306.

tua panela não se acabará e o azeite da tua botija não faltará, até o dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra” (17.14).⁵⁶ Isso implicava em confiar no “Deus de Israel” para a sua provisão e não em Baal (17.14). Enquanto para Acabe, o rei israelita apóstata, Elias anuncia da parte do “Deus de Israel” a estiagem e, conseqüentemente, a falta de alimento (17.1), para esta viúva fenícia, ele anuncia o suprimento certo, desde que a mesma confiasse na palavra de Yahweh (17.14).

A dura prova à qual a mulher fora submetida era alimentar primeiro o representante de Yahweh, Elias, antes de cozinhar algo para si e seu filho, confiando de que o “Deus de Israel” supriria, então, suas necessidades e de sua casa até o fim da seca (17.13-14).⁵⁷ “Isto era um teste da sua fé e auto-renúncia”.⁵⁸

A viúva responde de forma obediente à palavra de Elias, fazendo exatamente como ele lhe dissera (17.15), demonstrando a confiança de que Yahweh e não Baal proveria a farinha e o óleo, elementos da dieta básica de uma família no Oriente antigo, conforme as necessidades de sua casa (17.15-16).⁵⁹ Do mesmo modo que Elias obedecera à ordem de Yahweh para ir até Sarepta, a viúva obedecera à palavra do profeta e ambos experimentaram a provisão do “Deus de Israel”.⁶⁰

No verso 17, um tom de suspense é acrescentado ao texto. Após sobreviverem à fome causada pela seca, o filho da viúva adoece (*ḥālâ*) e sua saúde piora gravemente (*ḥölyô ḥāzaq m^e’ōḏ*), “até que não restou nele fôlego” (*ad lō’ nôt^erá bô n^esāmâ*). Esta última expressão deve ser entendida como uma indicação da morte do filho da viúva, tanto por ser uma declaração climática que aponta o estágio final do agravamento da doença do rapaz, como também, pelo uso do verbo “morrer” (*mût*) em 17.18, 20 e do conceito do retorno da alma para o corpo em 17.21-22.⁶¹ “Que estas palavras não significam meramente um torpor de morte, mas um real falecimento, é evidente pelo que segue, quando Elias trata o garoto como morto e o Senhor, em resposta à sua oração, restaura-lhe a vida novamente”.⁶²

⁵⁶ Veja o uso claro no Salmo 56.4, em que “não temer” (*lō’ ’irā’*) a circunstância crítica externa é fruto de “confiar em Deus” (*be’lōhîm bāṭaḥtî*). Cf. BOWLING, Andrew. ‘אָרָא’. In: HARRIS, Laird R., ARCHER, Gleason L, Jr., WALTKE, Bruce K (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 655.

⁵⁷ PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op cit.* p. 139-140.

⁵⁸ JONES, Gwilym H. *Op cit.* v. 2. p. 306.

⁵⁹ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 59-60.

⁶⁰ COHN, Robert L. *Op cit.* p. 335-336. PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op cit.* p. 140.

⁶¹ JONES, Gwilym H. *Op cit.* v. 2. p. 307-308.

⁶² KEIL, C. F. *Op cit.* p. 239.

A mulher dirige-se a Elias em desespero e pergunta o que fizera para que seu filho morresse daquele jeito (17.18; lit. “O que para mim e para ti?” – “Por que você interferiu na minha vida?”).⁶³ Ela concluiu que a presença de Elias em sua casa como “homem de Deus”, em quem o próprio Espírito de Deus habitava, trouxe à tona algum pecado oculto que ela mesma não havia percebido.⁶⁴ Ela entendia que a morte do filho fora um castigo divino contra as suas faltas.⁶⁵ Ao mesmo tempo, seu questionamento é uma crítica ao profeta que fora capaz de preservar a vida dela e do filho mediante a multiplicação da comida, para depois tirar a vida do menino.⁶⁶

Elias toma o menino dos braços da mãe e o leva para cima em seu quarto (17.19). Este tipo de cômodo era construído sobre o telhado da casa e era acessível por uma escada externa. Isso garantia não somente a privacidade da viúva, como também, protegia a reputação dela e a de Elias.⁶⁷ A primeira oração do profeta reflete sua perplexidade sobre a razão da morte do garoto (17.20), não como uma acusação contra Deus,⁶⁸ mas um lamento profundo e uma demonstração de compaixão por aquela viúva que o tem tratado com bondade como profeta de Yahweh (“esta viúva com quem estou hospedado”).⁶⁹ A palavra “também”, na expressão “*também* sobre esta viúva ... trouxeste desgraça” (*hăḡam ‘al hā’almānâ ... hăre’ôṭā*), deve ser uma referência às outras calamidades consequentes da estiagem, não uma reprovação.⁷⁰

O gesto de Elias ao estirar seu corpo sobre o menino (17.21) pode ter ocorrido com a intenção de transferir calor e estímulo do corpo do profeta a ele, ainda que cresse que o retorno da vida ao jovem dependia apenas de Yahweh,⁷¹ mas também, um ato simbólico que representava a mediação de Elias do poder doador de vida vindo de Yahweh.⁷² A oração do profeta revelou uma fé viva e ativa que se derramou

⁶³ Veja o mesmo idiomatismo hebraico em Jz 11.12; 2 Sm 16.10; 19.22.

⁶⁴ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 565; PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 140-141; ELLISON, H.L. “1 e 2 Reis”. In: DAVIDSON, Francis (ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 367.

⁶⁵ JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 308.

⁶⁶ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 23; VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 565.

⁶⁷ PATTERSON, Richard D., AUSTEL, Hermann J. *Op. cit.* p. 141.

⁶⁸ Conforme Robert L. Cohn sugere. Ver COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 336-337.

⁶⁹ KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 239.

⁷⁰ *Id. Ibid.*

⁷¹ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 565

⁷² CONSTABLE, Thomas L. *Op. cit.* p. 60; JONES, Gwilym H. *Op. cit.* v. 2. p. 308; KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 240. Eliseu usará uma técnica parecida mais à frente com o filho da mulher Sunamita (2 Rs 4.34) e o mesmo ato simbólico é realizado por Paulo em Atos 20.10, na ressurreição de Êutico.

completamente diante de Deus na hora da dificuldade, rogando intensamente por Sua ajuda (17.21).⁷³

O Deus de Elias “ouve a voz” (*wayyišma’ yhwh b^eqôl*) de seu servo (17.22), uma indicação de que respondeu à súplica dele (*wattāšōb nepeš ... ‘al qirbô wayyehî* – “e voltou a alma ... sobre o seu íntimo e viveu”; cf. 2 Sm 22.7ss; 1 Rs 9.3ss; *passim*). Por isso, o profeta pode levar o menino até embaixo, na casa, e entregá-lo à sua mãe (17.23).

A confissão da viúva, no final da perícopé, é uma forte reivindicação, pronunciada por uma ex-adoradora de Baal, sobre quem é o verdadeiro Deus e o verdadeiro profeta (17. 24). A expressão “homem de Deus” nos versos 18 e 24 forma a moldura da narrativa. Primeiramente, refere-se a Elias como uma presença poderosa, mas que promove a morte do filho da dona da casa, sendo, portanto, amargamente criticado por ela (v. 18). Ao chegar no verso 24, a expressão “homem de Deus”, em ligação com Elias, acompanha um gesto de gratidão da viúva, ao perceber o cuidado de Yahweh para com ela e sua família mediado pelo profeta, e uma confissão de que a verdade de YHWH está na sua boca.⁷⁴

Diferentemente dos mitos de Baal e os pronunciamentos de seus profetas, que prometiam chuva, fertilidade e vida aos seus adoradores, mas que se mostraram falsos diante da seca, infertilidade da terra e miséria generalizada, a palavra de Yahweh mediante Elias é a “verdade” (*’emet*), isto é, fiel e completamente digna de confiança.⁷⁵

Robert Cohn identificou uma formação quiástica na narrativa de 1 Reis 17.18-24 que possui como seu centro a capacidade suprema do Deus de Israel para conceder vida e a íntima relação de Elias com Yahweh, como mediador de Sua palavra e poder:⁷⁶

- A. “O que tu tens contra mim, ó, homem de Deus?!” (v. 18)
- B. “Dê-me o seu filho” (v. 19a)
- C. Tomou-o e o levou para cima. (v. 19b)
- D. E ele clamou ao Senhor e disse: “Ó, Senhor, meu Deus!” (v. 20)
- E. E ele se estendeu sobre o rapaz. (v. 21a)
- D’. E ele clamou ao Senhor e disse: “Ó, Senhor, meu Deus!” (v. 21b)
- E’. E o Senhor ouviu a voz de Elias. (v. 22)

⁷³ KEIL, C. F. *Op. cit.* p. 240.

⁷⁴ COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 336.

⁷⁵ BROWN, F., DRIVER, S., BRIGGS, C. *The Op. cit.* p. 54.

⁷⁶ COHN, Robert L. *Op. cit.* p. 336.

C'. E Elias tomou a criança e o levou para baixo. (v. 23a)

B'. "Vê! O teu filho vive!" (v. 23b)

A'. "Agora, eu sei tu és um homem de Deus" (v. 24)

Algumas implicações teológicas subjacentes à passagem maior de 1 Reis 17.8-24 não podem passar despercebidas. Primeiro, ao cuidar da viúva e de seu filho, Yahweh é representado em termos reais, já que a função do rei ideal no Oriente antigo era cuidar dos oprimidos da sociedade, como o pobre, a viúva e o órfão.⁷⁷ O Senhor é o "Rei Poderoso, amigo da justiça" (Sl 99.4) que "julga os pobres com justiça" e cujo trono "estará sempre seguro" (Pv 29.14), pois "Pai dos órfãos e juiz das viúvas é Deus em sua santa morada" (Sl 68.5). Yahweh é o Grande Rei de Israel, mas não apenas de seu povo, Ele é também o Rei do Universo, "exaltado acima de todas as nações" (99.1-2), como Sua ação em Sarepta, na Fenícia, deixa isso claro.

Além disso, Baal era reconhecido como "o Príncipe, o Senhor da Terra" e, na estela de Ras Shamra, desenhado segurando uma lança, cujo formato era o de uma planta ou árvore sagrada.⁷⁸ Baal era chamado de "Filho de Dagon", o deus do cereal e dos alimentos,⁷⁹ uma divindade antiga ligada à vegetação e, certamente, Baal gozava de tal reputação agrária.⁸⁰ Na própria literatura cananita, a morte e ressurreição de Baal estavam claramente relacionadas à agricultura do povo: a morte de Baal implicava em esterilidade do solo, já sua ressurreição promovia a fertilidade da terra.⁸¹ A vitória de Baal sobre *Môt*, ajudado por sua irmã e consorte *Anate*, significava o retorno da fertilidade à terra. Caso a esterilidade continuasse, era sinal de que Baal permanecia derrotado diante de *Môt* e preso ao mundo inferior.⁸²

Diante dessas observações, juntamente com o fato de que a seca atingira até mesmo a Fenícia, que era o centro cultural de Baal, fica nítido que o texto de 1 Reis 17.8-16 expõe de forma clara que Yahweh é o único Deus capaz de promover fertilidade e fartura de alimento na própria "terra de Baal". Enquanto, Baal permanece aprisionado no mundo inferior, derrotado por *Môt*, Yahweh demonstra sua supremacia e

⁷⁷ PATTERSON, Richard D. "The widow, the orphan, and the poor in the Old Testament and extra-biblical literature". p. 226-228.

⁷⁸ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 22.

⁷⁹ *Id. Ibid.*

⁸⁰ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 22.

⁸¹ NET BIBLE. Biblical Studies Foundation. Disponível em www.bible.org. Acessado em Setembro de 2008. sn. (study note) 1.

⁸² BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 22.

soberania sobre a morte, provendo comida para uma viúva e concedendo vida ao seu filho, como o Deus Vivo e Verdadeiro Rei.⁸³

O que o editor de Reis busca demonstrar é que somente Yahweh tem o poder da vida sobre a morte e que se Israel deseja continuar desfrutando de verdadeira vida e fertilidade na Terra Prometida, precisará abandonar Baal e se voltar para o “Deus de Israel”. Baal não é apenas incapaz de ajudar, ele, simplesmente, não existe. Portanto, é tolice adorá-lo. Somente “YHWH é Deus” (1 Rs 18.39).⁸⁴

Por fim, a história também destaca que o propósito de Deus em abençoar todas as famílias da terra por meio da semente de Abraão continua firme (Gn 12.1-3) e Ele o faz por meio de Elias, na narrativa, mas também, mediante aqueles que permanecem fiéis ao Javismo, como a serva de Naamã e o profeta Eliseu mais à frente (cf. 2 Rs 5.1-27).⁸⁵ Ao mesmo tempo, a advertência profética em Deuteronômio 32.21 de que Deus faria com que Israel tivesse ciúmes de um povo que não era o seu, quando a nação fosse infiel a Yahweh (Dt 32.15-22), encontra cumprimento nesta passagem, pois, enquanto a nação padece de fome e sede por sua apostasia (1 Rs 18.ss), uma viúva gentia é abençoada por sua fé e obediência à Palavra de YHWH.⁸⁶

Tiago Abdalla T. Neto*

Pastor da igreja Batista Nova Esperança e professor de teologia do Seminário Batista de Guarulhos. Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (SBPV)

Mestre em Teologia Bíblica pelo Seminário Teológico Servo de Cristo e Mestrando em Teologia e Exposição do AT pelo SBPV

⁸³ NET BIBLE. *Op. cit.* sn. 1; HOUSE, Paul R. *Op. cit.* p. 330.

⁸⁴ BATTENFIELD, James R. *Op. cit.* p. 23.

⁸⁵ HOUSE, Paul R. *Op. cit.* p. 335.

⁸⁶ VANNOY, J. Robert. *Op. cit.* p. 565.

